

Pela igualdade de direitos! Pelo socialismo!

1º Ativo Nacional da Mulher Comunista Revolucionária

Partido Comunista Revolucionário (PCR)

*Este ativo é dedicado as revolucionárias Olga Benário, Sônia Angel,
Margarida Maria Alves e Eliane Silva*

Maio de 2009

Índice

A organização das mulheres comunistas
O PCR e a organização do trabalho entre as mulheres
O Poder Soviético e a Situação da Mulher

A organização das mulheres comunistas

Clara Zetkin

“De nossas concepções ideológicas se desprendem pôr conseqüência medidas de organização. Nada de organizações especiais de mulheres comunistas! A comunista é tão militante do Partido como é o comunista, com as mesmas obrigações e direitos. Nisto não pode haver nenhuma divergência. Entretanto não devemos fechar os olhos perante os fatos. O Partido deve contar com os órgãos - grupos de trabalho, comissões, seções, ou como se decida denominá-los -cuja tarefa principal consista em despertar as amplas massas femininas, vinculadas ao Partido, sobre a sua influência. Para isto é necessário, sem dúvida, que desenvolvamos plenamente, um trabalho sistemático entre essas massas femininas. Devemos educar as mulheres que tenhamos conseguido tirar da passividade, devemos recrutá-las e armá-las para a luta de classes proletária sob a direção do Partido Comunista. Não só me refiro às proletárias que trabalham na fábrica ou se afanam no lar, como também às camponesas e às mulheres das distintas camadas da pequena burguesia. Elas também são vítimas do capitalismo e desde a guerra são mais que nunca. Psicologia apolítica não social, atrasada dessas massas femininas; estreiteza de seu campo de atividade, todo seu modo de vida: estes são os fatos. Não prestar atenção a isto seria inconcebível, completamente inconcebível. Necessitamos métodos especiais de agitação e formas especiais de organização. Não se trata de uma defesa burguesa dos “direitos da mulher”, e sim, dos interesses práticos da revolução”.

Disse a Lênin que sua reflexões constituíam para mim um apoio valioso. Muitos camaradas, muitos bons camaradas se opunham de maneira mais decidida a que o Partido criasse órgãos especiais para um trabalho metódico entre as amplas massas femininas. Chamavam a isto retorno às tradições social-democratas, à célebre “emancipação da mulher”. Tratavam de demonstrar que os Partidos Comunistas ao reconhecer pôr princípio e plenamente a igualdade de direitos da mulher, devem desenvolver seu trabalho entre as massas de trabalhadores sem diferença de qualquer espécie. A maneira de trabalhar entre as mulheres deve ser a mesma que entre os homens. Todo intento de considerar na agitação e na organização as circunstâncias indicadas pôr Lênin é considerada pêlos defensores da opinião oposta oportunismo, traição e uma renúncia aos princípios.

-“Isto não é novo nem serve de modo algum como prova- replicou Lênin- não se deixe confundir. Pôr que em nenhuma, nem na Rússia Soviética militam no Partido tantas mulheres quanto homens? Pôr que o número de mulheres operárias organizadas nos sindicatos é tão pequeno? Estes fatos nos obrigam a refletir. Negar a necessidade de órgãos especiais para nosso trabalho entre as extensas massas femininas é uma das manifestações muito de princípios e muito radical de nossos “queridos amigos” do Partido Operário Comunista. Segundo eles deve existir uma só forma de organização: a união operária. Já sei. Muitas cabeças de mentalidades revolucionária, porém embaralhadas, se remetem aos princípios e não ver a realidade, isto é quando a inteligência se nega a apreciar os fatos concretos aos quais deve prestar-se atenção. Como fazem frente, estes mantenedores da “pureza de princípios”, às necessidades que nos impõe o desenvolvimento histórico em nossa política revolucionária? Todas essas defesas vêm abaixo ante uma necessidade inexorável: sem milhões de mulheres não podemos levar a cabo a construção comunista. Devemos encontrar o caminho que nos conduz até ela, devemos estudar muitos métodos para encontrá-lo.

“Por isto é totalmente justo que apresentemos reivindicações em favor da mulher. Isto não é um programa mínimo, não é um programa de reformas no espírito no social democrata, no espírito da II Internacional. Isto não é o reconhecimento de que acreditamos na eternidade ou ao menos na existência prolongada da burguesia e de seu estado. Tampouco é nossa intenção apaziguar as massas femininas com reformas e desviá-las da luta revolucionária. Isto nada tem em comum com as superstições reformistas. Nossas reivindicações existem na prática, pela tremenda miséria e pelas vergonhosas humilhações que sofre a mulher, débil e desamparada em um regime burguês. Com isto testemunhamos que conhecemos essas necessidades, que compreendemos a opressão da mulher, que compreendemos a situação privilegiada do homem e odiamos. - Sim, odiamos e queremos eliminar tudo que oprime e atormenta a operária, a mulher

do operário, a camponesa, a mulher do homem simples e inclusive, e em muitos aspectos, a mulher acomodada. Os direitos e as medidas sociais que exigimos da sociedade burguesa para a mulher, são uma prova de que compreendemos a situação e os interesses da mulher e de que na ditadura proletária a teremos em conta. Desde logo, não com adormecedoras medidas de tutela, não claro que não, sim como revolucionários que chamam a mulher a trabalhar em pé de igualdade pela transformação da economia e da superestrutura ideológica.”

Assegurei a Lênin que compartilhava de seu ponto de vista porém que este ponto de vista encontraria, indubitavelmente, resistência. Mentis inseguras e medrosas o rechaçariam como “oportunismo perigoso”. Tampouco podemos negar que nossas reivindicações para as mulheres podem compreender-se e interpretar-se equivocadamente.

-“Que vamos fazer! - Lênin exclamou algo irritado. Este perigo se estende a tudo que digamos e façamos. Se pôr temor a ele nos abstermos de atos convenientes e necessários, podemos convertermos em índios místicos contemplativos. Nada de mover-se, nada de mover-se, senão caímos da altura de nossos princípios! Em nosso caso não se trata simplesmente de que exijamos isto e sim de como fazemos isto. Eu acredito que sublinhei com bastante clareza, isto. Como é lógico, em nossa propaganda não devemos ficar na posição de rezar um rosário de nossas reivindicações para as mulheres. Não, dependendo das condições existentes, devemos lutar ou pôr uma das reivindicações ou pôr outra, lutar de verdade, sempre em relação aos interesses gerais do proletariado.

Como é lógico, cada combate nos põe em contradição com a honorável camarilha burguesa e seus não menos honoráveis lacaios reformistas. Isto obriga estes últimos a lutar ao nosso lado, sob nossa direção - coisa que não querem - ou ao tirar a máscara. Portanto, a luta faz com que nos destaquemos e mostra claramente nosso perfil comunista. A luta provoca a confiança das amplas femininas, que se sentem exploradas, escravizadas, esgotadas pelo domínio do homem, pelo poder dos patrões e pôr toda sociedade burguesa em seu conjunto. As trabalhadoras, traídas e abandonadas pôr todos, começam a entender que devem lutar junto conosco. Devemos ainda persuadir-nos uns aos outros que a luta pelos direitos da mulher tem de vincular-se com o objetivo fundamental: com a conquista do Poder e a instauração da ditadura do proletariado? Isto é para nós, momentos atuais e nos que se seguirão, o alfa e o ômega. Isto é evidente, completamente evidente. Porém as amplas massas femininas, trabalhadoras, não sentirão desejo irresistível de compartilhar conosco a luta pelo Poder do Estado, se sempre apregoamos somente esta reivindicação, ainda que seja com as trombetas de Jericó! Não, não! Também devemos vincular politicamente, na consciência das massas femininas, no chamamento, com os sofrimentos, as necessidades e os desejos das trabalhadoras. Estas devem saber que a ditadura proletária significa a plena igualdade de direitos com o homem, tanto perante a lei, como na prática, na família, no Estado e na sociedade, assim como também a derrubada do poder da burguesia.

-“A Rússia Soviética está demonstrando isto, exclamei! e nos servirá de grande exemplo!”

Lênin prosseguiu:

-“A Rússia Soviética levanta nossas reivindicações para as mulheres sob um novo aspecto. Na ditadura do proletariado, estas reivindicações já não são objeto de luta entre o proletariado e a burguesia, e sim que são tijolos para a construção da sociedade comunista. Isto mostra às mulheres estrangeiras a importância decisiva da conquista do Poder pelo proletariado. A diferença entre sua situação aqui e lá, deve ser estabelecida com precisão, para que vocês possam contar com as massas femininas na luta revolucionária de classes do proletariado. Saber mobilizá-las com uma clara compreensão dos princípios e sob uma firme base organizativa, é uma questão da qual dependem a vida e a vitória do Partido Comunista. Porém, não devemos enganar-nos. Em nossas seções nacionais não existe ainda uma compreensão cabal deste problema. Nossas seções nacionais mantêm uma atitude passiva e expectante perante a tarefa de criar, sob a direção comunista, um movimento de massas das trabalhadoras. Não compreende que liberar esse movimento de massas e dirigi-lo constitui uma parte importante de toda a atividade do partido, inclusive a metade do trabalho geral no Partido. Às vezes, o reconhecimento da necessidade e do valor de um potente movimento feminino comunista, que

tenha diante de si um objetivo claro, é um reconhecimento platônico da palavra e não uma preocupação e um dever constante do Partido.

A agitação e a propaganda dos comunistas para as mulheres

“Nossas seções nacionais recebem o trabalho de agitação e propaganda entre as massas femininas, seu despertar e sua radicalização revolucionária, como algo secundário como uma tarefa que só afeta as mulheres comunistas. Às comunistas incomoda que este trabalho não avance com a devida rapidez e energia. Isto é injusto, totalmente injusto! É uma verdadeira igualdade de direitos ao avesso, “à la rebours”, como dizem os franceses. Em que se baseia esta posição errada de nossas seções nacionais? Não falo da Rússia Soviética. Definitivamente, isto é somente uma subestimação da mulher e de seu trabalho. Precisamente isto. Desgraçadamente ainda se pode dizer de muitos de nossos camaradas: “Escave um comunista e encontrará um filisteu”. Como é natural devemos escavar em um ponto sensível: em sua psicologia em relação à mulher. Existe prova mais consistente que os homens assistam com calma como a mulher se desgasta no trabalho doméstico, um trabalho miúdo, monótono, esgotante, que lhe absorve o tempo e as energias; como estreitam seus horizontes, se nubla sua inteligência, se debilita o bater de seus corações e decai a vontade? Não estou aludindo, naturalmente às damas burguesas que encomendam todos os seus afazeres domésticos, incluindo o cuidado dos filhos à pessoas assalariadas. Tudo o que digo se refere à imensa maioria das mulheres, entre elas as mulheres dos operários, ainda que passem todo o dia na fábrica e ganhe seu salário.

“São muitos poucos os maridos, inclusive entre os proletários que pensam no muito que poderiam aliviar o peso e as preocupações da mulher e até suprimi-los por completo, se quisessem ajudar “no trabalho da mulher”. Não fazem por considerar isto em contradição com o “direito e a dignidade do marido”. Este exige descanso e comodidade. A vida continua substituindo de maneira encoberta. Sua escrava vingava-se dele objetivamente, por esta situação e também de maneira velada: o atraso da mulher, sua incompreensão dos ideais revolucionários do marido, debilitam o entusiasmo deste e sua decisão de luta. Estes são os pequeninos vermes que corroem e minam as energias de modo imperceptíveis e lento, porém seguro. Conheço a vida dos operários não somente pelos livros. Nosso trabalho comunista entre as massas femininas, precisa ser compreendido por uma parte cada vez mais considerável dos homens. Devemos extirpar, até as últimas e mais ínfimas raízes, o velho ponto de vista próprio dos tempos da escravidão. Devemos fazê-lo tanto no Partido como as massas. Isto é se relaciona tanto com nossas tarefas políticas como a imperiosa necessidade de formar um núcleo de camaradas - homens e mulheres - que conte com uma séria preparação, teórica e prática para realizar e impulsionar o trabalho do Partido entre as trabalhadoras.”, concluiu Lênin.

(Traduzido do livro *Recuerdos de Lenin*, 1970, t.5, pp 37 – 59 Edição cubana)

O PCR e a organização do trabalho entre as mulheres

Apesar de toda a propaganda burguesa em contrário, a verdade é que chegamos ao século 21, com a mulher ainda oprimida e explorada em todos os países capitalistas. De fato, na imensa maioria das famílias a mulher continua na escravidão doméstica, assumindo, exclusivamente, as tarefas da cozinha, dos filhos, da alimentação da casa e sofrendo as conseqüências desse trabalho mesquinho e pesado. Pior ainda: com as mulheres cada vez mais trabalhando fora de casa, o que acontece é uma dupla jornada de trabalho, já que elas continuam fazendo todo o serviço de casa à noite ou antes de sair para trabalhar. Além do mais, o chamado trabalho fora de casa é, muitas vezes, o trabalho doméstico em outras residências. No Brasil, por exemplo, seis milhões de mulheres que trabalham são empregadas domésticas.

Na realidade, a completa libertação da mulher do trabalho doméstico só é possível quando existir o acesso gratuito a restaurantes, creches e lavanderias coletivas e a tarefa de educação das crianças e da juventude for assumida plenamente pelo Estado, ou seja, quando o Estado for um

Estado comprometido com as classes pobres. Hoje, todos esses serviços são pagos, o que quer dizer que só as mulheres ricas os têm à sua disposição. Mais: como a sociedade é capitalista, tudo aquilo que a mulher operária produz com seu trabalho não pertence a ela, mas aos donos dos meios de produção.

Dessa maneira, as mudanças ocorridas na situação da mulher nos países capitalistas foram apenas superficiais. De fato, o capitalismo, ao levar a mulher para participar mais da produção, o fez com o intuito não de emancipá-la, mas de aumentar a mais-valia e os lucros da burguesia, isto é, de explorá-la ainda mais ferozmente do que explorava os homens.

Portanto, o lucro foi e é o objetivo dos capitalistas ao convocarem as mulheres para o mercado de trabalho. Prova disso é que até hoje as mulheres continuam a receber salários mais baixos que os homens em todos os setores da economia. Em São Paulo, a hora trabalhada pelas mulheres é, em média, 76% do valor recebido pelos homens (Pesquisa Seade-Governo do Estado de São Paulo). Se não bastasse, as mulheres continuam sendo as primeiras a perder o emprego quando ocorrem demissões.

Também, os casos de violência física e sexual contra as mulheres, incentivada pela propaganda burguesa nos meios de comunicação que apresentam a mulher como objeto sexual ou uma mercadoria à venda e à disposição dos homens crescem em vez de diminuir, em todo o país. Uma pesquisa realizada em 2003 por entidades que trabalham em parceria com o Ministério da Justiça estimou o impressionante número de 60 mil casos anuais de violência sexual, a maioria (80%) contra meninas.

Lutando pela verdadeira emancipação

Como vemos, passados quase cinco séculos de existência do capitalismo, a mulher continua sendo oprimida e a igualdade de direitos continua sendo apenas uma promessa. O pior é que até mesmo as poucas conquistas que a luta da mulher alcançou estão hoje ameaçadas. De fato, empresários e dezenas de governos burgueses estão exigindo na Organização Internacional do Trabalho (OIT) o fim de vários direitos conquistados pelas mulheres trabalhadoras, como licença-maternidade, creche nas fábricas e tempo de aposentadoria, entre outras. Tal situação, coloca a urgência de o movimento feminino tomar as ruas, organizar suas entidades de massa e dar um firme combate a todos esses abusos dos capitalistas contra a mulher. Ao mesmo tempo, devido à monopolização da economia, os preços de todos os produtos não param de subir, elevando o custo de vida e agravando as condições da maioria da população.

Com certeza, as mulheres comunistas, tomando a iniciativa, obterão um amplo apoio da imensa maioria das mulheres para o desenvolvimento dessas lutas. É o que revela a própria história. Sem dúvida, mesmo diante de toda a opressão que sofreu e sofre, a mulher, a mais oprimida de todos os oprimidos, nunca ficou à margem dos grandes movimentos libertários. Ao contrário, a história da luta de libertação de todos os povos está repleta de heroínas. O próprio dia 8 de março é um exemplo, uma vez que a data é uma homenagem às 129 operárias têxteis de Nova Iorque que, em 8 de março de 1857, lutavam pela redução da jornada de trabalho e foram assassinadas pela polícia dos patrões.

Também no Brasil vários são os exemplos, como o das heroínas de Tejuçupapo; a luta pela independência do Brasil em relação a Portugal; a luta armada contra a ditadura militar; a luta pela anistia ampla; e centenas de greves operárias em todo o país revelam que as mulheres sempre estiveram na linha de frente da luta do povo brasileiro pela democracia e por uma sociedade justa. Na verdade, a luta das mulheres pelos seus direitos, pelo direito ao trabalho e por salário igual, contra a opressão e as discriminações, tem uma longa história e se confundem com a própria história da luta da humanidade por uma sociedade sem opressão e exploração. Lênin, ao destacar a importância do papel das mulheres na libertação dos povos, afirmou:

“A experiência de todos os movimentos de libertação mostra que o sucesso da revolução depende da importância da participação das mulheres.” (Lênin, *A Emancipação da Mulher*, Editorial Progresso)

Por isso, ser conseqüente na luta pelo socialismo significa trabalhar cada vez mais para fazer avançar a organização e a consciência das mulheres em todo o movimento popular, pois sem uma efetiva participação política feminina é impossível fazer a revolução.

Infelizmente, o trabalho feminino de nosso partido é débil. Mas, também aqui, reunimos grandes condições para imediatamente superar esse atraso. Basta que comecemos a estimular e organizar a participação das companheiras nas entidades de massa, sindicatos, grêmios, associações etc. bem como iniciarmos a construção de entidades de massa próprias das mulheres. Nesse sentido, o primeiro passo a ser dado é a criação de comitês femininos em todos os regionais e, em seguida, a realização de um ativo nacional do trabalho feminino. Porém, ao trabalhar pela transformação do movimento feminino num movimento de massas, não devemos perder de vista a unidade entre a luta pela libertação da mulher e a luta pelo socialismo.

(Extraído do livro *O PCR e a Revolução Brasileira*. Edições CCML. 2003)

Ampliar a participação das mulheres nos organismos dirigentes do Partido

Desde o 3º Congresso, cresce o número de militantes mulheres em nosso partido. A razão principal para esse aumento se deve principalmente ao avanço do nosso trabalho de bairros. De fato, no trabalho sindical é muito pequeno o número de mulheres comunistas, e na juventude, ainda está abaixo do que poderia ser.

As mulheres são maioria entre os trabalhadores e no conjunto da sociedade. Porém, nosso trabalho feminino não existe. Não resta dúvida de que essa situação significa um atraso para o partido e para a revolução.

Ser conseqüente na luta pelo socialismo significa trabalhar cada vez mais para fazer avançar a organização e a consciência das mulheres em todo o movimento operário e popular. Mas, como superar esse atraso? Além de incentivar a organização e a participação das companheiras nas direções das entidades de massa, sindicatos, grêmios, associações etc., o Partido precisa promover para os seus organismos dirigentes um maior número de companheiras e dar passos efetivos para aprofundar e debater o trabalho entre as mulheres.

Nesse sentido, devemos criar a partir do 4º Congresso do Partido, a Comissão Nacional do Trabalho Feminino e realizar nos primeiros meses de 2009 um ativo nacional. Essa proposta foi uma resolução da Conferência Nacional, mas não conseguimos levá-la à prática. Agora, precisamos corrigir esse erro definindo claramente a responsabilidade por essa tarefa no novo Comitê Central.

Porém, ao trabalhar pela transformação do movimento feminino num movimento de massas, não devemos perder de vista a unidade entre a luta pela libertação da mulher e a luta pelo socialismo. Ou seja, o movimento feminino é parte integrante do movimento geral dos explorados e oprimidos pelo fim do capitalismo, visto não ser possível alcançar a verdadeira libertação da mulher na sociedade capitalista.

De fato, apesar de toda a propaganda burguesa em contrário, a mulher continua sendo duplamente oprimida e explorada em todos os países capitalistas. Na imensa maioria das famílias, a mulher sofre a escravidão doméstica. É sobre ela, que recaem as tarefas dos filhos, da alimentação, da casa e de todo o mesquinho e pesado trabalho doméstico. Pior ainda: com as mulheres cada vez mais trabalhando fora de casa, o que acontece é uma dupla jornada de trabalho, já que elas continuam fazendo todo o serviço de casa à noite ou bem cedo, antes de saírem para trabalhar, além de receberem salários mais baixos.

Prova disso é que em São Paulo a hora trabalhada pelas mulheres é, em média, 76% do valor recebido pelos homens (Pesquisa Seade-Governo do Estado de São Paulo). Se não bastasse, as mulheres continuam sendo as primeiras a perderem o emprego quando ocorrem demissões.

Também, os casos de violência física e sexual contra as mulheres, incentivada pela propaganda burguesa nos meios de comunicação, que apresentam a mulher como objeto sexual ou uma

mercadoria à venda, crescem em vez de diminuir. Portanto, a mulher continua sendo oprimida e a igualdade de direitos continua sendo apenas uma promessa.

As mulheres comunistas precisam, pois, tomarem a iniciativa na convocação das mulheres para o desenvolvimento de lutas por seus direitos e pela igualdade e contra a discriminação. Aliás, apesar de toda a exploração que sofre, a mulher sempre participou ativamente da revolução. O próprio dia 8 de março é um exemplo, uma vez que a data é uma homenagem às 129 operárias têxteis de Nova Iorque que, em 8 de março de 1857, lutavam pela redução da jornada de trabalho e foram assassinadas pela polícia dos patrões.

Também, no Brasil, vários são os exemplos, como o das heroínas de Tejuçupapo, pelo direito de votar, a luta armada contra a ditadura militar, pela anistia ampla e centenas de greves operárias em todo o país. Todas essas lutas revelam que as mulheres sempre estiveram na linha de frente da luta do povo brasileiro pela democracia e por uma sociedade justa. Na verdade, a luta das mulheres pelos seus direitos, pelo direito ao trabalho e por salário igual, contra a opressão e as discriminações, tem uma longa história e se confundem com a própria história da luta da humanidade por uma sociedade sem opressão e exploração.

Mirando nesses exemplos, as camaradas devem trabalhar sem descanso para trazer para o partido o maior número de companheiras e para assumir a linha de frente de todas as lutas que hoje travam as mulheres no Brasil e no mundo.

(Nossas Tarefas. PCR. 2008)

O Poder Soviético e a Situação da Mulher

V.I. Lênin

O segundo aniversário do Poder soviético nos convida a dar uma olhada completa em tudo o que temos feito neste período e a refletir sobre a importância e as finalidades da revolução realizada.

A burguesia e seus partidários nos acusam de violar a democracia. Nós afirmamos que a revolução soviética ampliou e aprofundou a democracia em escala sem precedente no mundo, e precisamente a democracia para os trabalhadores e para as massas oprimidas pelo capitalismo, isto é, a democracia para a enorme maioria do povo, ou seja a democracia socialista (para os trabalhadores), diferente da democracia burguesa (para os exploradores, para os capitalistas, para os ricos).

Quem tem razão?

Meditar detidamente sobre esta questão, compreendê-la com mais profundidade, significa ter em conta a experiência destes dois anos e preparar-se melhor para seu desenvolvimento futuro.

A situação da mulher demonstra com particular relevo a diferença entre a democracia burguesa e a democracia socialista e responde com particular clareza à pergunta colocada.

Na República burguesa (isto é, onde existe a propriedade privada sobre a terra, as fábricas, as ações, etc.), ainda que se trate da república mais democrática, a mulher não foi completamente igualada em direitos, em nenhuma parte do mundo, em nenhum país, nem ainda no mais adiantado. E isso apesar de que desde o momento da Grande Revolução Francesa (democrático-burguesa) transcorreu mais de um século e um quarto.

No discurso, a democracia burguesa promete igualdade e liberdade. De fato, as repúblicas burguesas, pôr mais adiantadas que sejam, não deram à mulher, que constitui a metade do gênero humano, plena igualdade em relação ao homem perante a lei nem a liberaram da tutela e da opressão do homem.

A democracia burguesa é a democracia das frases pomposas, do palavrório solene, das promessas retumbantes, das palavras de ordem grandiloquentes de liberdade e igualdade, porém, na prática, tudo isso esconde a falta de liberdade e a desigualdade da mulher, a falta de liberdade e a desigualdade dos trabalhadores e dos explorados.

A democracia soviética ou socialista rechaça as palavras pomposas, porém falsas, declara uma guerra sem quartel à hipocrisia dos “democratas”, dos latifundiários, dos capitalistas ou dos camponeses saciados, que lucram vendendo aos operários famintos os excedentes de trigo a preços especulativos.

Abaixo esta vil mentira! Não pode haver, nem há, nem haverá “igualdade” dos oprimidos e opressores, dos explorados e exploradores. Não pode haver, não há, nem haverá “liberdade” verdadeira enquanto os privilégios que a lei concede aos homens impeçam a liberdade da mulher, enquanto o operário não se emancipe do jugo do capital, enquanto o camponês trabalhador não liberte do jugo do capitalista, do latifundiário ou do comerciante.

Que os embusteiros e hipócritas, os obtusos e cegos, os burgueses e seus partidários enganem o povo, falando-lhe da liberdade em geral, da igualdade em geral, da democracia em geral.

Nós dizemos aos operários e camponeses: arrancai a máscara destes embusteiros, abri os olhos desses cegos. Perguntai:

-Igualdade de que sexo com que sexo?

-A de que nação com que nação?

-A de que classe com que classe?

-A libertação de que jugo ou do jugo de que classe? A liberdade de que classe?

Quem falar de política, de democracia, de liberdade, de igualdade, de socialismo, sem levantar essas questões, sem promovê-las ao primeiro plano, sem combater a ocultação, o escamoteamento, o encobrimento destas questões, é o pior inimigo dos trabalhadores, um lobo em pele de ovelha, o adversário mais encarniçado dos operários e camponeses, um servidor dos latifundiários, dos reis, dos capitalistas.

Em dois anos, e em um dos países mais atrasados da Europa, o Poder Soviético fez, em prol da emancipação da mulher, de sua igualdade com o sexo “forte”, o que não fizeram em cento e trinta anos todas as repúblicas avançadas, ilustradas e democráticas do mundo tomadas em seu conjunto.

Instrução, cultura, civilização, liberdade: em todas as repúblicas capitalistas e burguesas do mundo, todas estas palavras pomposas vão unidas a leis inauditamente infames, repugnantes e sujas, brutais e grosseiras, que referendam a desigualdade da mulher: leis como a do direito matrimonial e o divórcio, a da desigualdade do filho natural e da “legítimo”, a dos privilégios para o homem e humilhação e ultraje para a mulher.

O jugo do capital, a opressão que exerce a “sacrossanta propriedade privada”, o despotismo da estupidez pequeno burguesa e da ambição dos pequenos proprietário: eis aí o que tem impedido que as repúblicas burguesas mais democráticas atentem contra estas leis sujas e vis.

A república Soviética, a República dos operários e camponeses, barrou de uma vez essas ditas leis e não deixou pedra sobre pedra dos edifícios de mentira burguesa e da hipocrisia burguesa.

Abaixo esta mentira! Abaixo os falsários que falam de liberdade e igualdade para todos, enquanto existe um sexo oprimido, enquanto existe classes opressoras, enquanto existe a propriedade privada sobre o capital e sobre as ações, enquanto existam saciados que com seus excedentes de trigo escravizam os famintos. Nada de liberdade para todos, nada de igualdade para todos, e sim luta contra os opressores e exploradores, eliminação da possibilidade de oprimir e de explorar. Esta é nossa palavra de ordem!

Liberdade e igualdade para o sexo oprimido!

Liberdade e igualdade para o operário, para o camponês trabalhador!

Luta contra os opressores, luta contra os capitalistas, luta contra o kulak especulador!

É este o nosso grito de guerra; esta é a nossa vontade proletária, a verdade da luta contra o capital, a verdade que lançamos à face do mundo capitalista, com suas frases aborrecidas, hipócritas, e pomposas sobre a liberdade e a igualdade em geral, sobre a liberdade e a igualdade para todos.

E é precisamente porque arrancamos a máscara desta hipocrisia, porque praticamos com energia revolucionária a liberdade e a igualdade para os oprimidos e para os trabalhadores,

contra os opressores, contra os capitalistas, contra os kulaks, precisamente pôr isso é que o Poder soviético goza de tão alta estima entre os operários do mundo inteiro.

Precisamente pôr isso, no dia do segundo aniversário do Poder soviético, as simpatias das massas operárias, as simpatias dos oprimidos e explorados de todos os países do mundo estão do nosso lado.

Precisamente pôr isso, no dia do segundo aniversário do Poder soviético, apesar da fome e do frio, apesar de todas as calamidades que nos acarreta a invasão da República da Rússia pelos imperialistas, estamos plenos de uma fé inabalável na justiça de nossa causa, de uma fé inabalável no inevitável triunfo do Poder soviético no mundo inteiro.

(Pravda, n.º. 249, de 6/11/1919)